

O JORNAL

turmas 11 M & 11 N

Escola Secundária de José Estêvão

1997 / 1998



DA ESCOLA:

area-escola e direitos humanos
inquérito a area-escola
clube de aproximação à vida activa
a união está na diferença
desporto escolar

E AINDA:

uma questão de diálogo
desporto na cerciav
recuperação de toxicodependentes
cinema, ontem hoje e amanhã
duas bandas em entrevista:
konk e agonizing terror
viagem ao mundo do jornalismo

O JORNAL

é a concretização (possível) de um conteúdo programático da disciplina de Trabalhos de Aplicação do 11º ano ou, segundo alguns dos alunos intervenientes, é *falar da escola e da sociedade, da relação entre a escola e os alunos; e do jornalismo como profissão; de assuntos que considerámos interessantes; é uma prática, uma aprendizagem com várias etapas; é participarem todos.*

Os redactores / repórteres:

Adriana Lopes, Ana Carrola, Carla Almeida, Carla Elena, Carla Valente, Carmen Marques, Cláudia Alves, Daniel Simões, Helder Mendes, Henriqueta Sousa, Isabel Pereira, Jesebelle Rocha, José Carlos Figueiredo, Margarida Almeida, Mário Teixeira, Marlene Santos, Paulo Rei, Pedro Seabra, Raquel Martins, Raquel Silva, Rita Almeida, Rita Martinho, Rosa Nobre, Rui Almeida, Sandra Magalhães, Sara Santos, Sílvia Antunes, Sofia Ferreira, Sónia Castro, Tania Almeida, Tania Vieira, Teresa Costa, Tiago Coelho, Vera Santos

Os repórteres fotográficos:

Carla Almeida e Sónia Castro

Imagens cedidas por:

11ºN (cartaz da área-escola), Profª Rosário Ruivo (cartaz do C.A.V.A.) e Sr. Dias Pereira (cinema em Aveiro)

Imagens retiradas de:

"Convívios fraternos - Reconstruir" (recuperação de toxicodependentes) e "CrackZine 1º" (a união está na diferença)

Processamento :

os alunos das turmas 11 M e N
Paginação: profª de T.A.

Capa e contracapa:

foto de Cristina Rodero in
WORLD PRESS PHOTO 97

E.S.J.E. - 97 / 98

DIREITOS HUMANOS

um tema para área-escola



DÁ UM
BRINQUEDO A
QUEM
NÃO
TEM

"Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade."

OS DIREITOS HUMANOS foi o tema proposto em conselho pedagógico para a área - escola deste ano, com o objectivo de *"alertar os alunos, professores e toda a comunidade educativa para algo que ainda está muito esquecido nos dias de hoje"*, segundo nos informou a professora Jacinta Afonso, coordenadora dos directores de turma do ensino secundário.

Em conversa com dez alunos da nossa Escola, verificámos que, de um modo geral, conhecem o tema a tratar, concordam com a proposta, dizendo que é interessante, positiva, embora exigente e até tiveram ideias engraçadas para subtemas, como " Não discrimine porque a sida começa por si" ou "Discrimine a discriminação". Apesar disso, a maioria dos alunos não conhece a Declaração Universal dos Direitos Humanos, embora mencionasse o Direito à Liberdade de Expressão e o Direito à Vida. Questionados sobre organizações defensoras dos Direitos Humanos, apenas referiram a Amnistia Internacional.

No que diz respeito à nossa Escola, alguns alunos pensam que os Direitos Humanos são respeitados, não havendo qualquer tipo de discriminação. Outros pensam que a discriminação é ainda um grave problema. Aliás, a professora Jacinta afirmou que *" a escola não é um universo à parte da sociedade onde nós estamos (...).É, até certo ponto, um espelho da comunidade que a envolve"*. Na verdade, o respeito mútuo é necessário para que, com a liberdade dos outros, criemos a nossa liberdade.

Quanto aos nossos projectos para a área-escola, uma exposição sobre os Direitos da Criança (11M) e o trabalho " Construir o nosso Natal com o Natal dos outros" (11N), que tem como finalidade recolher bens materiais (brinquedos, roupas, livros, etc) para entregar numa instituição carenciada da nossa Cidade, a professora Jacinta considerou-os interessantes: *"nós precisamos mesmo desses projectos que tenham um fundo prático"*. Tendo em conta que nem todos os Direitos Humanos são postos em prática, é necessário a contribuição de todos, mesmo dos mais jovens, para pôr em prática esses direitos tão esquecidos entre a população de todo o mundo.

É importante que a escola se aperceba dos problemas existentes à sua volta e, como a professora Alda Oliveira, coordenadora dos directores de turma do ensino básico, nos afirmou, o nosso projecto *" atinge um dos grandes objectivos da área-escola que é a interligação entre as escolas e a comunidade"*. Ou, nas palavras da professora Jacinta, *"é uma sementezinha que fica aí, e quando tiver campo e terra vai florescer"*.

Margarida Almeida, Vera Santos e Carla Elena

UMA VISÃO DOS ALUNOS SOBRE A ÁREA_ESCOLA

Segundo a legislação, a Área-Escola é uma *área curricular, de natureza interdisciplinar e de frequência obrigatória*, tendo como finalidades a *concretização dos saberes, através de actividades interdisciplinares, a articulação entre a escola e o meio e a formação pessoal e social do aluno*. É sujeita a avaliação e cada turma dispõe de 95 a 110 horas lectivas anuais para a sua realização.

Mas o que pensam realmente os alunos da Área-Escola? Num inquérito a vinte alunos da nossa Escola (quinze do Secundário e cinco do Unificado), chegámos à conclusão que os alunos consideram a área-escola interessante, embora dependa do tema a tratar. Um pouco incrédulos, não acreditam que o seu empenho no trabalho da área-escola da turma possa vir a alterar a sua nota. A maioria não concorda que seja um grupo de professores a escolher o tema a abordar, quando este vai ser trabalhado pelos alunos; os alunos sentem-se no direito de o escolher, embora tenham consciência que isso iria despertar desacordos entre eles. Para a maior parte dos alunos, o mais interessante no trabalho é a visita de estudo, quando esta existe, porém muitos acham simpático o convívio que se verifica entre alunos e professores; pensam também que é um modo de adquirir mais cultura e informação.

Pergunta 1



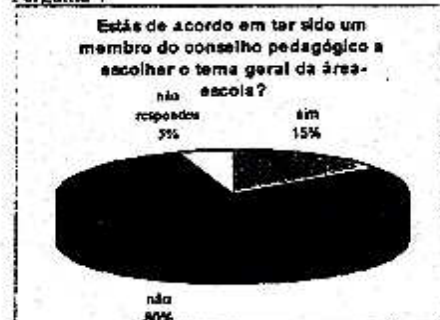
Pergunta 2



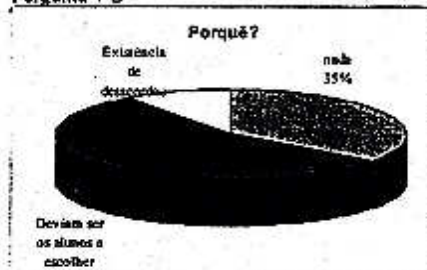
Pergunta 3



Pergunta 4



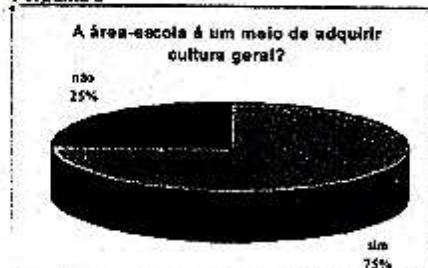
Pergunta 4-B



Pergunta 5



Pergunta 6



Pergunta 6-B



APROXIMAÇÃO À VIDA ACTIVA

- uma Opção dos Cursos Tecnológicos -

Há muito que se acha necessário repensar, na Escola, os cursos tecnológicos e suas finalidades. Assim, tendo como grande impulsionadora a psicóloga escolar, Dra. Maria do Rosário Ruivo, surgiu o Clube de Aproximação à Vida Activa (CAVA), que tem como objectivo *"proporcionar aos jovens oportunidades diversificadas de contacto com o mundo de trabalho"*.

As suas actividades tiveram início nos finais de Outubro, quando alguns alunos dos diferentes cursos tecnológicos se reuniram no gabinete de psicologia desta escola. No entanto, e com o aumento dos intervenientes no CAVA, prevê-se um *"espaço próprio, funcional, com capacidade para trabalho conjunto de professores e alunos"*.

O Clube de Aproximação à Vida Activa estabeleceu um intercâmbio com várias entidades, destacando-se o Instituto de Emprego e Formação Profissional, o Instituto Português da Juventude, Associações Profissionais e a Câmara Municipal de Aveiro, com as quais se pretende *"ajudar o aluno a aproximar-se do mercado de trabalho formando uma ideia mais real"*, disse-nos a Dra. Maria do Rosário.

O CAVA irá promover, ainda, encontros com profissionais dos cursos tecnológicos, iniciativa que começou no dia 21 de Novembro com a presença de um engenheiro químico e que se prolongará até final do ano.

Apesar das boas perspectivas do Clube, a adesão por parte dos alunos não tem sido a melhor, essencialmente devido ao desconhecimento deste projecto, como é possível concluir a partir da sondagem realizada a 15 alunos das áreas tecnológicas de Comunicação, Informática e Design, segundo a qual apenas um dos inquiridos conhecia o CAVA. Facto que esperamos se venha a modificar uma vez que, entretanto, num dos átrios laterais da escola se encontra um placar informativo sobre o Clube.

Hoje estudo e amanhã?

Cada vez mais, os estudantes põem em causa se valerá a pena andarem a estudar. Os anos de estudo são muitos, as disciplinas difíceis, os encargos financeiros são grandes e as perspectivas futuras muito fracas. Ao colocarmos numa balança de dois pratos todos os prós e contras, sem dúvida os contras irão pesar mais e, assim como uma luta contra a maré, os estudantes não se sentem minimamente motivados.

A partir do 9º ano de escolaridade, é possível escolher uma área e, dentro desta, uma vertente tecnológica ou de prosseguimento de estudos. Na Escola Secundária José Estêvão existem três diferentes cursos tecnológicos: Comunicação e Difusão, Informática e Design.

Os 15 inquiridos destas referidas áreas do 12º ano prevêem uma razoável ingressão no mercado de trabalho, apesar de constarmos que 12 pretendem prosseguir estudos universitários e apenas 3 pretendem estagiar nas respectivas áreas. Sendo assim, porquê a escolha de um curso tecnológico?

A maioria (40%) optou por um curso tecnológico por lhe encontrar uma maior facilidade, seguindo-se razões como uma maior preferência, uma melhor preparação para a vida activa (27%), o desejo de frequentar ou evitar determinadas disciplinas (20%) e, por último, o querer trabalhar após o 12º ano (13%).

Após três anos de formação tecnológica, 40% dos inquiridos considera que o seu curso tem correspondido às suas expectativas, contra 20% que acha que não. Os restantes 40% consideram que o curso apenas satisfaz em parte os seus anseios. Estas insatisfações derivam do currículo das disciplinas, do tipo / objectivo dos trabalhos a realizar e da preparação inadequada para o mercado de trabalho.

Um futuro (com)prometedor?

Em jeito de conclusão, verificou-se uma heterogeneidade por parte dos estudantes dos cursos tecnológicos face às suas opções e perspectivas futuras. Por vezes, até, algumas contradições e incertezas.

Será o Clube de Aproximação à Vida Activa um minimizador desta situação?



Raquel Martins
Rita Almeida
Rui Almeida

A UNIÃO ESTÁ NA DIFERENÇA

"Embora nunca se tenha descoberto para que servem, a verdade é há parolos em todos os países do mundo, cada um com o seu paladar, com o seu chapéu típico e com o seu próprio jeito de falar." É com ironia que Miguel Esteves Cardoso (in *Os Meus Problemas*) se refere ao velho hábito das pessoas se catalogarem ou serem catalogadas... esta roupa / aquela roupa, isto / aquilo, etc, etc, etc.

Os tempos mudam, outras opções, novos estilos de vida, diferentes modos de vestir, andar e agir, mas o hábito mantém-se. Referimo-nos principalmente aos mais jovens que se concentram (juntam) em grupos diversos, principalmente nas comunidades escolares. A nossa não é excepção, claro! Por isso, falámos com alunos e ex-alunos do nosso liceu que, de algum modo, se identificam com determinados grupos sem que isso (felizmente!) seja sinónimo de total desunião.

Jesabelle Rocha, Raquel Silva e Rosa Nobre



NOME: Ricardo Relvas

IDADE: 16 anos

PROFISSÃO: Estudante

GRUPO: Street Wears

OPÇÃO: "Porque a modalidade (skate) é boa e o pessoal é fixe."

ESPÍRITO: "Straight edge, malucos, very hard core. Temos estilo próprio."

ESTILO: "Vestimo-nos como nos sentimos bem."

DISCRIMINAÇÃO? "Um pouco. Pela maneira de vestir, de ser e principalmente pela maneira de pensar."

NOME: Adélia

IDADE: 17 anos

PROFISSÃO: Estudante

GRUPO: Metaleiros

OPÇÃO: "Porque não dou muita importância para o resto das músicas. É uma simples opção, um gosto. Dou-me muito bem com os metaleiros, mas dou-me mesmo muito bem com o resto do pessoal. Pode-se dizer que há metaleiros e metaleiros. Há aqueles que só gostam de violência e biqueirada, mas não é bem esse o meu ramo, ah, ah, ah."

ESPÍRITO: "Por vezes, são muito brutos, mas sinceramente não te sei explicar muito bem."

ESTILO: "As pessoas vestem-se como querem e se sentem melhor. É o estilo de cada um."

DISCRIMINAÇÃO? "Sim, completamente. Existem algumas pessoas completamente idiotas que passam por nós e ficam a olhar com cara de estúpidas. Uma vez, estava a

passar sozinha na avenida e reparei que uma velha estava a olhar para o meu brinco na sobrancelha. Fez o sinal da cruz, continuou a olhar e disse: "Ai, meu Deus, esta juventude." Mas eu, nós, não ligamos. Fizemos uma escolha e acho que em relação a isso ninguém deve dizer nada."

NOME: João Fino

IDADE: 21 anos

PROFISSÃO: Estudante

GRUPO: Surfistas

OPÇÃO: "Porque descobri que nesse grupo as pessoas se relacionam muito melhor, pensamos quase todos da mesma maneira, temos todos uma paixão em comum (a natureza), e as miúdas passam-se (risos). Mas como em todo o lado existem excepções à regra, indivíduos que encaram o facto de ser surfista como modo de exibição para as "meninas", como pessoas que vão à praia quando está sol e bom tempo ou até mesmo só no verão para se mostrarem. O verdadeiro surfista ou bodyboarder é aquele que aguenta temperaturas em condições climáticas adversas só para curtir momentos de pura adrenalina, "Surf is Life"."

ESPÍRITO: "Ecológicos, solidários, companheiros, loucos, ousados, determinados, apaixonados e zecas".

ESTILO: "Gostas de andar de fato e gravata? Vestimo-nos desta maneira porque simplesmente nos faz sentir bem. Mas a maneira de vestir depende e reflecte a personalidade de cada um".

DISCRIMINAÇÃO? "Por vezes, mas estou-me a borrar para muitas regras de moral que a sociedade nos impõe. Nasci livre e livre morreréi".

O DESPORTO ESCOLAR VISTO DE FORA

Numa sondagem a alunos que não participam no Desporto Escolar, ficámos a saber que:

- é uma actividade praticada pelos alunos da escola que se interessam pelo desporto;
- o Desporto Escolar pode ajudar o aluno em relação ao ambiente escolar porque eles se sentem bem a praticar o desporto que gostam e o aluno familiariza-se com a escola;
- ajuda também no seu desenvolvimento pessoal porque o aluno desenvolve amizades com outros colegas;
- apenas o Pavilhão Desportivo é um bom lugar para a prática de Desporto Escolar, sendo os campos exteriores considerados perigosos já que, quando os alunos caem, podem magoar-se;
- que o ginásio foi considerado também um bom lugar para a prática do Voleibol e Ginástica;
- a modalidade desportiva que tem melhores condições de ser praticada na escola o Basquetebol, no Pavilhão Desportivo;
- das modalidades que integram o Desporto Escolar, a maioria dos rapazes escolheria o Futebol e as raparigas o Basquetebol;
- das modalidades que não integram o Desporto Escolar, a maioria escolheria o Andebol, a Patinagem e o Atletismo.

Prof. Responsável pelo Desporto Escolar: Costa Lobo

Voleibol

Torneio interno 6x6

Prof.: Costa Lobo

Treinos: 2ª feira 18h 30m

4ª feira 18h 30m

Inscrições no ginásio

Juniores masc. nascidos 79-80

Juvenis masc. nascidos 81-82

Iniciados masc. nascidos 83-84

Basquetebol

Torneio 3x3

Prof.: Helena Vidinha Trindade

Treinos: 4ª feira 14h 30m

5ª feira 14h 30m

Treinos abertos a todos os alunos no pavilhão

Fem. e Masc.

Juniores nascidos 70-80

Juvenis nascidos 81-82-83

Excepto federados em basquetebol

Futebol 5

Masc.

Prof.: Albino Oliveira

Treinos: 2ª feira 16h 30m

4ª feira 10h 30m

5ª feira 16h 30m

Fem.

Prof. Sara Ratola

Treinos: 2ª feira 9h30m

5ª feira 15h30m

Torneio interno: Juvenis masc. 81-82

Iniciados masc. 83-84

Treinos: 5ª feira 9h 30m

6ª feira 16h 30m

Ginástica Rítmica Desportiva

Prof.: Isabel Lopes

Horário:

sábados 9h 30m 11h 20 13h

Além do Desporto Escolar ainda há...
Natação e Aeróbica

UMA QUESTÃO DE DIÁLOGO

Com o desenvolvimento da sociedade, modificou-se também o conceito de família, que passou a ter significados diferentes de pessoa para pessoa e aos quais não podemos ficar alheios. Hoje em dia, deparamos com vários tipos de família e vários tipos de problemas familiares, tais como separação de pais, falta de diálogo, problemas económicos ou mesmo maus tratos.

Segundo a Psicóloga da nossa Escola, Dr.^a Rosário Ruivo, no seio das famílias, os problemas variam consoante os contextos sociais e económicos em que vivem ou as fases que atravessam, embora os problemas sejam quase exclusivamente de natureza social e, por vezes, decorram ao longo de várias gerações.

Aliás, a célebre expressão "conflito de gerações" só serve para justificar um conjunto de problemas. Na sua opinião, há casos em que existe diálogo entre pais e filhos mas são poucos porque a adolescência, geralmente, é marcada por dificuldades de diálogo e de compreensão face às diferentes gerações da família. Há adolescentes que conseguem atravessar essa fase da vida sem conflitos e os conflitos não são necessariamente maus, só são maus quando não são debatidos.

Quanto a questões sempre na ordem do dia como o problema delicado dos maus tratos familiares ou a falta de dinheiro, a nossa entrevistada referiu que, em relação a alunos da nossa Escola, pode existir um ou outro caso pontual de maus tratos que, mais uma vez, surgem por falta de diálogo; e, ao contrário de muitos adolescentes, não pensa que falta de dinheiro seja sinónimo de falta de liberdade; considera que, quando não há dinheiro, há que inventar novas formas para se estar com as pessoas.

Tem que haver uma mudança de mentalidades para que se possam atenuar estes conflitos.

Helder Mendes, José Carlos Figueiredo e Pedro Seabra

DESPORTO NA C.E.R.C.I.A.V.

A CERCIIV é uma instituição de apoio a crianças deficientes / inadaptadas, criada em 1975. A sua ideologia assenta em três unidades principais: unidade educativa, cálculo e centro de actividades educacionais e habilitação. Com mais de duas décadas de actividade, pouco evoluiu no sentido de aperfeiçoar técnicas novas, em virtude da manifesta escassez de apoios por parte de entidades oficiais ou privadas.

Segundo a professora de uma das turmas desta instituição, os deficientes mentais na sua maioria caracterizam-se por um acentuado défice cognitivo, que por acréscimo pode comportar surdez, problemas motores e sensoriais. No entanto, possuem alguma facilidade de aprendizagem e integração, que pode ser melhorada sempre que adaptada às suas reais aptidões.

Para uma maior eficácia no trabalho diário com estas crianças / adolescentes, a professora rege-se por um mapa de actividades que lhes permite praticar diversas modalidades desportivas, tais como: remo, hipoterapia, futebol, natação, actividades gímnicas e de ar livre, atletismo e mini-golfe. Existem, porém, casos mais complicados que necessitam de um trabalho básico de motricidade, designado por psico - motricidade.

A professora realçou a urgente necessidade de ajustar a prática de algumas das modalidades às dificuldades pessoais de cada aluno. "Cada um é um caso particular" como, por exemplo, no remo: existem pessoas que não podem entrar na água podendo isso ser ultrapassado através de uma máquina, que transmite a sensação da prática do remo mas em terra. É o chamado remo argómetro.

O trabalho feito nesta área ainda não produziu os efeitos desejáveis - e alcançáveis - porque em Portugal os incentivos incidem mais no campo dos invisuais e motores.

A nível internacional, surgiu nos EUA o primeiro movimento desportivo com a população deficiente mental - special Olympics -, só que em Portugal não teve ainda expressão. Parte deste insucesso deve-se aos meios de comunicação que pouco se têm disponibilizado para sensibilizar as pessoas e entidades oficiais, dando prioridade ao futebol e pouco mais. Contudo, algo já começa a ser feito como, por exemplo, "Novos Horizontes", um espaço televisivo na TV2, que aborda questões ligadas à deficiência mental e outras.

A CERCIIV é apoiada pelo Secretariado Nacional de Reabilitação, organização nacional tutelada pelo Ministério da Solidariedade e Segurança Social. Este organismo é vocacionado para ajudar este tipo de instituições, atribuindo verbas para serem aplicadas na área da recreação, do desporto e da cultura, "mas é preciso andar em cima deles" para haver algum apoio económico.

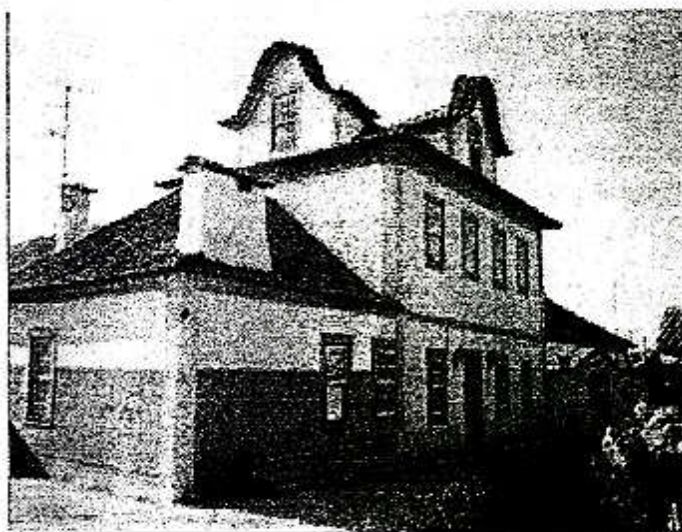
Neste contexto, a CERCIIV estabeleceu um contrato com os Galitos para a prática do remo, apoio que lhes é concedido. Para as outras deficiências, em Aveiro, não há nada de concreto ainda.

Adriana Lopes, Cláudia Alves e Henriqueta Sousa

RECUPERAÇÃO DE TOXICODEPENDENTES

- uma instituição, um caso -

Visitámos uma das instituições que, em Portugal, apresenta como objectivo geral a cura do toxicodependente e a reinserção do mesmo no seu meio social, familiar e profissional. Trata-se do projecto "Convívios Fraternos - Reconstruir II", uma instituição situada em Avanca que encara a recuperação como um processo prolongado que passa por três fases distintas. Com três anos de existência, conta com a colaboração do seu director, Padre Valente, e da psicóloga, Dr^a Fátima Couto.



O toxicodependente começa por tentar a desintoxicação física e psicológica, após a "ressaca"; para isso, tem uma ocupação permanente, reuniões de confrontação, de grupo, de operosidade e ainda a prática de desporto; deve modificar e cultivar o seu carácter, o seu modo de estar na vida e na sociedade; posteriormente, tenta-se ajudar o residente a normalizar a sua vida familiar, profissional, religiosa e social.

Numa segunda fase, de internamento com reinserção sócio-profissional controlada, tenta-se proteger o toxicodependente para que não se tome a desmoronar; terá novos monitores e contará com a colaboração da comunidade e de algumas entidades patronais (fábricas, oficinas, comércio e outros sectores profissionais), respeitando, sempre que possível, a sua opção profissional.

A terceira fase tem como objectivo inserir, apoiando e co-responsabilizando o residente em situações normais de vivência em sociedade.

**"Já passaram por aqui
cerca de 240 pessoas."**

A Dr. Fátima Couto explicou que, para qualquer toxicodependente entrar nesta comunidade, será necessário que este preencha um inquérito, que é uma preparação para uma entrevista, realizada por um elemento da equipa técnica.

Depois da entrevista ser feita, caso o toxicodependente aceite as condições, custos e métodos terapêuticos impostos na comunidade, escreve uma

carta em que resume a sua vida e onde pede a sua admissão.

Os toxicodependentes admitidos nesta casa, não têm limite de idade. Neste momento, o toxicodependente mais novo tem 20 anos, e o mais velho tem 34 anos.

Depois de serem admitidos na casa de recuperação, têm algumas tarefas a realizar. Os toxicodependentes, normalmente, levantam-se pelas 8 horas, tomam o pequeno-almoço e, logo após as limpezas da casa, têm uma terapia de confrontação. Nesta terapia, são confrontados com o que fizeram no dia anterior e eventualmente penalizados (não beber café, não fumar, não ver televisão).

Após um intervalo, terão uma terapia de grupo, onde estarão com a psicóloga e o Padre Valente. "Nesta terapia, fazemos psicodrama, filmes terapêuticos, damos informações sobre sida, aborto e outros temas diversos".

Depois têm o almoço pelas 13 horas, um intervalo e, pelas 15 horas, começará então a terapia de operosidade, trabalhando na área envolvente da casa. Pelas 17h:30m, uns lancham, enquanto outros praticam desporto. "Temos espaço para o basquetebol, voleibol, o futebol e temos uma piscina, que eles mesmos construíram". Após o banho, têm de novo intervalo, que aproveitam para ler e ver televisão.

Logo após o jantar, é a reunião de sub-comunidade, onde são divididos em três grupos e se reúnem ou fazem trabalhos sob a orientação de um colega mais antigo, que organiza as reuniões com os toxicodependentes separadamente, em que eles falam

das suas vidas. *"Tudo o que for dito, terá que ser mantido em segredo"*. Depois têm tempo para ver televisão, pois o recolher obrigatório é pelas 23 horas.

Quando passam para a segunda fase, vão então trabalhar. Na comunidade, arranjam-lhes trabalho dentro daquilo que saibam fazer. Muitos vão continuar enquanto outros, vão ainda aprender.

As recuperações demoram um ano, mas depende da pessoa em questão. *"Acontece muitas vezes não acabarem o caminho de um ano, saem e têm recaídas, assim, ao voltarem, voltam para o princípio"*.

Quando o toxicodependente vai embora, a casa continua sempre a ter notícias deste, até porque ele pode continuar a ter análises e terapias individuais sempre que queira.

A voz de uma testemunha

O Z.C. tem 26 anos e está nesta casa de recuperação há três meses e meio.

Começou por fumar haxixe, ervas e só depois foram as drogas pesadas. Tinha apenas 15 anos quando começou, pela influência dos amigos que fumavam, pelo prazer de se sentir homem, pela curiosidade: *"ao princípio era uma "curte", era porreiro demais fumar uns charros e beber uns copos"*.

Ao princípio Z.C. não sabia o que eram as drogas, o que representavam para ele e não as achava nenhum bicho de sete cabeças como são para ele agora. *"Ao princípio, era tudo muito bonito mesmo."*

Depois passou para as drogas pesadas e começou a sofrer muito mais. Teve que arranjar dinheiro para a droga, apesar desta já não ser encarada por ele da mesma forma que era ao princípio, pois já não lhe dava prazer. Já era o corpo que pedia e deixou de ser uma coisa boa. As drogas pesadas foram a sua destruição. *"Tive que roubar para conseguir dinheiro para a droga."*



Durante quatro anos, Z.C. conseguiu enganar a família. *"Sempre consegui abafar o drama que estava a viver na altura"*. Quando realmente se aperceberam, tinham um filho drogado e não estavam suficientemente informados sobre o que era realmente a droga; foi a pior coisa que lhes poderia ter acontecido.

A partir desse dia, sempre o tentaram ajudar a desistir da droga, mas ele foi deixando sempre para o dia seguinte. Os pais de Z.C. acabaram por o abandonar. *"Nesta altura não tinha nenhuma mão amiga, os únicos amigos que eu tinha eram aqueles que me davam droga, se não me dessem droga já não os considerava amigos"*.

Agora está na casa de recuperação há três meses por sua própria iniciativa, mas já esteve em recuperação mais vezes só que não conseguiu.

Z.C. diz que, desta vez, sente-se com força para sair da droga, até porque a sua recuperação está a correr bem. Nesta casa, ao contrário do que acontecia anteriormente, Z.C. dorme de noite, vive e faz aquilo que o mandam fazer, de dia.

"Para mim, não foi difícil adaptar-me a isto, apesar que, durante os primeiros dias, não se conhece ninguém e torna-se um pouco difícil, mas no fundo até foi fácil para mim".

A família dele, sabendo que ele está agora longe da droga, aceita-o bastante bem e gasta com ele aquilo que for necessário.

Z.C. afirma que perdeu bastantes coisas na vida, mas que a família nunca a perdeu em momento algum. *"A pouco e pouco, terei que ganhar a confiança deles, coisa que já não tinha"*.

Enquanto ele estava em casa, os pais fechavam e trancavam-lhe tudo, com medo que ele levasse alguma coisa. *"Como nós nos cansamos de viver esta vida, eles também!"*

Ana Carrola, Carla Valente e Daniel Simões



O CINEMA EM AVEIRO

ONTEM, HOJE E AMANHÃ

Quer a indústria cinematográfica, quer o público da chamada "sétima arte", têm-se modificado ao longo dos tempos na nossa cidade, como em todo o lado.

Antigamente existiam apenas duas salas de cinema: o Aveirense e o Avenida (nas imagens, o edifício e um cartaz). Hoje, estes dois grandes Cine-Teatros encontram-se fechados.

Mas isso não significa o fim do cinema em Aveiro. Temos o Cinema 2002 e o Oita, prevendo-se ainda a abertura de mais sete salas.

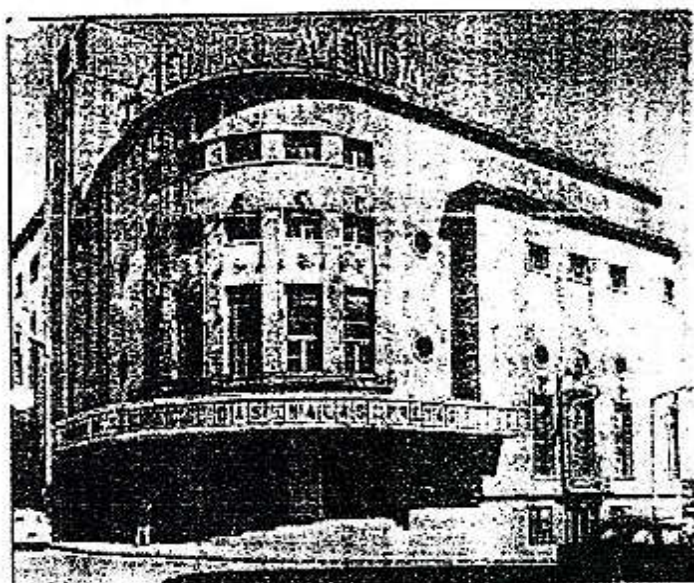
O Teatro Aveirense abriu as suas portas ao público em 1853. Sendo o primeiro Cine-Teatro de Aveiro, era frequentado pelas mais diversas classes sociais.

O custo do bilhete não impedia as pessoas de verem a nova maravilha da sua cidade. *"Chegavam a dar três sessões seguidas com as salas cheias, principalmente quando davam os famosos filmes indianos; o custo do bilhete era na ordem dos 12\$50"*, relembra o Sr. Artur Casimiro, gerente do Teatro Aveirense em 1973.

Mas não foi só no Teatro Aveirense que isso aconteceu. No Teatro Avenida, aberto em 1949, os filmes indianos *"eram de fazer chorar as pedras da calçada"*, segundo o Sr. Dias Pereira, ex-gerente deste Teatro e actual gerente do Cinema 2002.

No entanto, os primeiros filmes a passar na tela do Cine-Teatro foram os portugueses: *"Não há rapazes maus"* foi o filme de inauguração, a 29 de Janeiro de 1949.

A publicidade dos filmes era efectuada através de cartazes colocados em frente ao Te-



atro e em expositores distribuídos pela cidade, mas o acesso aos filmes não era fácil.

As distribuidoras faziam listas nas quais indicavam os filmes disponíveis e os seus custos; a partir daí, os exibidores compravam, de acordo com as suas escolhas, o que já não acontece hoje. *"Os cinemas actualmente nem sempre têm acesso aos filmes que querem porque as grandes firmas distribuidoras passaram também a ser exibidoras, têm os seus próprios cinemas"*, afirma o Sr. Dias Pereira. É por esta razão que vários filmes não chegam a ser vistos em muitas das salas de cinema portuguesas.

O Teatro Aveirense fechou ao público em 1994 devido à falta de frequência do público. *"O progresso dos tempos trouxe novas tecnologias. A televisão e o vídeo começaram a roubar espectadores às salas de cinema"*, conclui o Sr. Dias Pereira, acreditando ser esta uma das razões que levou o Teatro Avenida a fechar a 20 de Julho de 1986, data em que foi projectada a última película *"O cristal encantado"*.

*

Hoje em dia, o cinema já não é visto numa perspectiva meramente social, mas também comercial. "Hoje o cinema exhibe-se e deita-se fora. Vai-se comer pipocas e beber coca-cola e no intervalo vê-se o filme. No fim da sessão, há uns a sair, já estão outros à porta para entrar", explica o Sr. Dias Pereira. Recorda ainda a abertura do 2002 em Janeiro de 1980: "Os aveirenses vinham ao 2002 porque os outros cinemas eram grandes e desconfortáveis, no Inverno era preciso levar um cobertor para o cinema e no Verão a pessoa tinha de fazer "strip-tease" para conseguir aguentar o calor".

O acesso aos filmes também se alterou. "Os filmes são alugados em regime de percentagem. O filme vem para o cinema e, por exemplo, 50% da receita da bilheteira vai para as distribuidoras, ficando 50% para nós. Chega a haver filmes em que 60% vão e 40% ficam", o que contradiz a ideia de que o cinema é um negócio bastante rentável.

*

Com o encerramento do Avenida e do Aveirense, Aveiro ficou só com duas salas de cinema o que, segundo espectadores com quem

falámos, não permite muitas possibilidades de escolha. Alguns acreditam que "a abertura de novas salas permitirá uma maior escolha em relação aos filmes e maior conforto das salas".

Os amantes do cinema irão, pois, ter uma surpresa em breve: prevê-se a abertura de sete salas de cinema, em finais de 1998, no novo centro comercial que se encontra em fase de construção no Cojo.

"O que está a ser feito é o que se tem adoptado em todos os centros comerciais. Têm o mesmo tipo de alcatifa, cadeira, coeficiente e isolamento sonoro" explicou o engenheiro Luís Monteiro. E, ao contrário das salas mais antigas, grandes salas de cinema para uma grande quantidade de público, "a filosofia são as salas pequenas, de maneira a diversificar o número de filmes".

Espera-se, no entanto, que a abertura de novas salas vá, não só permitir o progresso cinematográfico em Aveiro, como também acordar a paixão das pessoas pela magia do cinema.

Sandra Magalhães, Sara Santos,
Sofia Ferreira e Tania Almeida



"O espectador
sonha o filme
com o cineasta"
André Basin

"Estranha evidência
do quotidiano.
Reside nesta evidência
o primeiro mistério
do cinema."
Edgar Morin

KONK! BANDA OU BOMBA?

Surgiu mais uma banda no panorama musical aveirense. Os Konk praticam, segundo o teclista Luís, Rock Satânico e para propagar o seu som apostam nos concertos. Com o seu nome já na "boca do povo", os Konk prometem arrasar ...

Resume-nos a história da banda. Quem são os Konk?

Era uma vez duas bandas, Prozak e Snowball, que por vários motivos resolveram pôr fim à sua continuação. O Pedro e o Hugo (Snowball) resolveram juntar-se a mim, ao César e ao João (Prozak), formando assim os Konk em finais do mês de Fevereiro de '97.

Os Konk são uma banda dos arredores de Aveiro formada por cinco elementos : Voz - Pedro (ex-Booby Trap), Teclas - Luizito (eu !!!), Guitarra - Hugo (ex-Suicidal Archangel), Baixo - César, Bateria - João.

Porquê o nome Konk ? O que significa ?

O nome Konk não tem nenhum porquê. Não tem significado nenhum. Veio-nos de repente à tola. Talvez uma ideia made in Hong-Kong ... Imaginem o que quiserem.

Define o estilo praticado.

Quanto ao estilo por nós praticado, muito sinceramente, não o sabemos distinguir. Mas uma pequena noção por nós descoberta - Rock Satânico !!! Esquisito não ?!

Apresenta-nos as músicas da maquete e respectivas letras.

Esta maquete conta com cinco temas e ainda uma pequena surpresa no final. Por ordem, a constituição dos temas : "Ego feeder", "Pockets", "Devil in me", "Out to die" e "Father's milk". Todas escritas pelo vocalista - Pedro.

Na "Ego Feeder", falamos sobre o nosso ego, aquilo que no fundo nos "alimenta".

A "Pockets" descreve-nos variadíssimos objectos e certas cenas que possamos ter nos bolsos (como diz a letra : coins, paper, keys, ganja, germs, fluff, pens, phone numbers, knife, condoms, lighter, cigs, gun, chewing gum, whistle, stones) e que de nada possam ser úteis, até um certo ponto, para o ser humano. "I've got my pockets full of shit, I've got a hole in my pocket".

Segue-se a "Devil in me", que é um pouco o retrato da nossa sociedade, ou melhor, "... of their beautiful society" (???), da visão que esta sociedade tem de nós.

OUT TO DIE fala sobre um grande problema que infelizmente se expande cada vez mais, a cada dia que passa, e que vitima muitas pessoas, sobretudo os jo-

vens. Fala de droga. Um rapaz (Johnny) que resolve experimentar e que acaba por se viciar nela. Um tema com uma forte mensagem que alerta as pessoas para este problema. "Johnny was a boy like many others, he used to play with his friends like all good brothers. Until the day he experimented dope, Man was the same as hanging yourself on a rope".

Finalmente temos a FATHER'S MILK que aborda uma situação do mais pedófila. "Get down kid, closer to me; Shut your mouth or I'll cut you of; Don't resist, it's no use; I'll break it in, I will abuse".

Todas as bandas têm influências, quais as do Konk?

As nossas influências, em termos de cada um ouvir música, é um bocado variada. Não te sei dizer ao certo influências, pois acho que é um estilo muito próprio. No meu ver, original, embora seja um bocado suspeito, pois é a minha banda e não ia estar para aqui a falar mal. Eh pá...desculpa, mas isso é um bocado complexo. Mas porque raio todos perguntam isto? Pronto, está bem. Eu abro o jogo, temos influências de Dino Meira e de Samantha Fox.(Estou a brincar!!!)

Porquê o uso de teclados? É estranho numa banda de Power Metal...

Olha lá!!! Quem te disse que os Konk são uma banda de Power Metal, @gaj@ que se dedique à pesca. É que não tem nada, mas mesmo nada a ver. Posso saber bem o estilo por nós praticado, mas Power Metal é muito ao lado, é semelhante a dizeres que Delfins é uma banda de Punk/Hardcore. O uso de teclados, penso que dá uma melhor forma à nossa música, estruturalmente mais rica em termos de base instrumental.

Como é que vocês estão a nível de concertos?

A nível de concertos ... Demos o primeiro, ou seja, a estreia da banda, em Espinho. Participámos também num festival de bandas de garagem de Ílhavo (na Praia da Barra) e, por fim, tocámos em Viseu na Festa do Mutante com os Shiver, Smug, Acesso de Raiva e Scarecrow. Até aqui, foram quatro.

Opinião sobre violação dos direitos humanos.

Hoje em dia, ninguém respeita ninguém. É um mundo podre e hipócrita, o jogo do "salve-se quem puder". Estamos constantemente a "violiar" e a sermos "violados". Embora ache que o abuso do poder é a grande causa das violações dos direitos humanos. Os senhores do poder julgam-se superiores aos outros (ao povo) e agem como querem, mandam e podem. É preciso haver mais respeito uns com os outros, pessoas mais bem educadas, mais unidas, para que as violações dos direi-

tos humanos sejam extinguidas deste planeta. Para tal, isto terá de partir de cada um. Como diz o Gabriel, o Pensador "E se você é mais um burro não me leve a mal, é hora de fazer uma lavagem cerebral. Mas isso é não compromisso seu, eu nem vou me meter, quem vai lavar sua mente não sou eu é você".

É um defensor dos direitos dos animais. Porquê?

Porque eles também sentem, tal como nós. Têm direito à vida. Não estão aqui para enfeitar e para servir de "brinquedinhos" a ninguém.

Vocês têm uma maquete gravada. No entanto, essa maquete está disponível apenas para editoras e não para o público em geral. Porquê?

A nossa maquete só será distribuída a certas editoras e algumas rádios, assim decidimos. Daremos a conhecer o nosso som através das rádios e dos concertos.

Tu és colaborador numa pequena editora / distribuidora D.I.Y.e, mesmo assim, vocês preferiram não editar / distribuir a maquete...

Exactamente. Foi uma opção. Preferíamos "oferecer" ao público o nosso trabalho já em CD caso conseguíssemos contrato com alguma editora. Penso que ficariam mais satisfeitos, não?

Ficaram satisfeitos com a produção do som? Onde gravaram / produziram?

Sim. Penso que o produto final saiu bastante positivo. Tirando o Pedro e o Hugo (já com alguma experiência de estúdio), eu, o César e o João fomos pela primeira vez para um estúdio. Portanto, foi bom. Estamos todos satisfeitos com o trabalho realizado. A maquete foi gravada e produzida pelo Rui Vaz, no seu estúdio da Gafanha entre 14 e 21 de Agosto de '97. Infelizmente, passados cerca de 15 dias, o Rui acabou por falecer, vítima de um acidente de avião em Lisboa. Queria desde já dedicar-lhe a nossa maquete, por tudo aquilo que fez por nós. Pela paciência e ajuda que nos deu, além de que foi o seu último trabalho. Fica aqui a homenagem dos Konk ao nosso grande amigo Rui Vaz. Obrigado por tudo.

Há boas editoras independentes em Portugal?

Peço desculpa mas sobre esse assunto não te sei responder muito bem. Não estou bem dentro do esquema.

Algun dos Konk é vegetariano ou Straight Edge? O que achas destas opções de vida?

Ninguém dos Konk é vegetariano ou Straight Edge. Quanto aos que seguem esta maneira de viver, só tenho a dizer que nada tenho contra. São modos de estar na vida. Eu, por exemplo, admiro bastante o movimento SxE, acho que as drogas não fazem sentido algum e é nisso que se baseia.

Tens "raízes" Punk, já "passeaste" por bandas de Crossover, Black Metal, etc e agora estás nos Konk. Explica lá isso.

A razão da minha passagem por diversas bandas de estilos um bocado opostos, apesar de ser o HC a minha cena preferida, deve-se ao facto do meu gosto pela música! Não estou nada arrependido de ter participado noutras bandas, pelo contrário. Aprendi bastante com elas e ganhei um pouco mais de experiência na cena musical. Gosto um pouco de todos os estilos, dentro do metal claro, uns mais que outros obviamente.

Quais as tuas bandas preferidas?

Portuguesas - Konk (claro!!!), Hate Over Grown, Da Weasel, X-acto, Inkisição, Booby Trap. Estrangeiras - Ratos de Porão, Thumb, Sepultura, Deftones, Nofx, Rancid, Overdose, Oi Polloi ... Ultimamente tenho ouvido Thumb, Hiperkore e Habeas Corpus.

"... e a crise continua" dizem os Crise Total. O que achas do governo actual?

O que eu acho do governo actual? Venha mas é tacho!!! Muita diversão e que se f**a o povão!!! "... e a crise continua" dizem os Crise Total, mas se calhar é mais certo "... e a crise continuará".

Quais são para ti as melhores 'zines, editoras e distribuidoras portuguesas?

Gosto da D.N.C. (editora/distribuidora) do Rui Maia, curti o conteúdo da Igualdade 'zine, Bastards distro, Prophetical 'zine (do Vasquinho), Feticídio 'letter, Ataque Sonoro (editora/distribuidora), Freedom distro, etc. Desde que contribuam para a progressão da cena underground, são todas bem-vindas, não é?

Que cenas underground conheces na tua / nossa terra de Aveiro?

Conheço a Igualdade 'zine, a U.R 'letter, a Blá Blá distro, a D.N.C., a Feticídio, Mente Revolucionária 'zine, a loja Bang, 5ª Dimensão (radio show), etc. Bandas, conheço algumas tais como: Drool Sniper, Strange Airplane, Anger, Tum Off, Superego, Intervenzione, ... e os extintos: Booby Trap, Inkisição, Mentes Podres, Snowball, ...

Projectos para o futuro?

... Conseguir um contrato com uma editora, ser rico e ficar com a "pastora" para sempre (eh! eh!).

Mensagem final ...

Queria agradecer este espaço, aos meus amigos Konk (Pedro, Hugo, César e João), a todas as bandas que estão a iniciar agora (força rapazes), ao Vasco Reigota pelo empréstimo do teclado, à minha família, ao meu cão (Joy). Por fim, e como os últimos são os primeiros, à minha namorada (Cláudia), por tudo. (5)!!!

"It's time to move forward, let the ideas grow and breed" X-acto

"Agonizing Terror"

sinónimo de inconformismo

Em Portugal, o Heavy Metal prolifera em bandas de garagem, mas existem algumas que já estão dispostas a "dominar" os tops portugueses. É o caso dos "Moonspell", "Genocide", "InHuman" e "HeavenWood", bandas que já começam a ter lugar de destaque nos tops de venda.

Para sabermos um pouco mais da essência do Heavy Metal, aqui fica o testemunho dos "Agonizing Terror", uma banda aveirense que ainda não teve oportunidade de editar um álbum, mas divulga a sua música através de concertos.

Há quanto tempo existem os "Agonizing Terror"?

Surgiram de um projecto iniciado em 1993, por dois elementos actuais, projecto esse chamado "Obnoxious Odium".

Em 1995, entraram novos elementos e surgiram os "Agonizing Terror".

O line-up actual é constituído pelo Tó J6 (vozes e guitarra), Sara (bateria), Marco (guitarra), Luís (baixo) e Joana (teclados).

Acham que este tipo de música tem aceitação por parte do público?

O Heavy Metal tem o seu próprio público. Não existe um estilo de música que agrade a todas as pessoas do mundo.

Há estilos que têm mais aceitação que o Heavy Metal, o Pop por exemplo. Em Portugal não é tão ouvido como no estrangeiro, mas está a crescer.

Quais são as mensagens que tentam transmitir nas vossas músicas?

As nossas letras exprimem sentimentos mais profundos que existem em nós.

A vida e as suas dificuldades, problemas do dia-a-dia, o que vai mal no nosso mundo e também sentimentos mais obscuros e imaginários como, por exemplo, a morte.

Acham que a música é um bom meio para alertar o jovens para os problemas da sociedade?

É bom que na música se fale dos problemas da sociedade, das suas hipocrisias, de todo o tipo de discriminações, da manipulação dos mais fortes em relação aos mais fracos. É preciso que isto seja feito de modo a que o receptor possa ouvir e reflectir.

Alguns grupos de música despertam o sentimento de violência nos jovens. Qual é a vossa opinião sobre o assunto?

Acreditamos que possam existir bandas desse género, mas não achamos isso negativo. Pensamos que isso acontece noutros géneros de música, mas hoje em dia está ultrapassado na generalidade.

Em geral, acham que a música feita em Portugal tem qualidade?

Existem muitas bandas que estão a evoluir no aspecto técnico e musical e algumas já conseguiram mostrar o seu trabalho no estrangeiro, como os "Moonspell".

Quais são os vossos projectos musicais para o futuro?

Queremos dar o máximo de concertos, de forma a promovermos a banda e "despertar" o interesse das editoras discográficas.

VIAGEM AO MUNDO DO JORNALISMO

“Irreverência, espírito crítico e muito bom senso”. Tânia Laranjo, jornalista do jornal de Notícias, considera serem estas as características fundamentais de um bom jornalista.

Em entrevista ao nosso jornal, Tânia Laranjo falou ainda sobre os limites da privacidade ou dia a dia de um jornalista. Uma profissão absorvente que exige atenção durante 24 horas por dia.

Prova disso é o ambiente agitado que se vive na redacção do JN, onde nos deslocámos para realizar esta entrevista.



Qual a sua opinião sobre o jornalismo de hoje?

T.L. É complicado responder a essa pergunta, já que é inevitável a tentação: ou falar muito bem do jornalismo, já que é essa a minha profissão, ou então ser demasiado crítica e pecar, provavelmente, pelo excesso[...]. Há excelentes profissionais neste país que dignificam a profissão de jornalista...como há maus.

Acha que a população dá o devido valor ao trabalho do jornalista?

T.L. Não, mas se calhar a culpa não é das pessoas... Todos nós somos o reflexo de uma sociedade cada vez mais desacreditada. E nós, jornalistas, acabamos por ser um pouco como os “polícias”. Amados e odiados. Afinal, a desgraça alheia atíça a nossa curiosidade.

O papel do jornalista é imprescindível numa sociedade democrática como a nossa?

T.L. Sem dúvida. Por isso é que o jornalismo é muitas vezes considerado como quarto poder. No fundo, serve para contrabalançar o sistema. Para que a balança não fique só de um lado...

E os mais carenciados? Também têm acesso à informação?

T.L. Conforme aquilo de que estivermos a falar quando nos referimos aos mais carenciados. Se falamos de uma família que mora numa barraca e que não tem dinheiro para o leite e para o pão, tenho as minhas dúvidas...

Mas, no geral, penso que a informação chega a qualquer classe social...

Acha que o Código Deontológico aprovado em Maio de 1993, é respeitado pelos jornalistas actuais?

T.L. Depende... Não me quero repetir, mas volto ao que disse no início. Há bons e maus jornalistas. A maioria, respeita o Código Deontológico e é isso que os distingue dos outros.

Será que é necessário existir um Código Deontológico, ou o próprio jornalista tem consciência dos limites da sua profissão?

T. L. É necessário apenas como cartilha... No dia a dia, o jornalista rege-se pelo bom senso. Essa é aliás, uma das qualidades do tal “bom” jornalista. Penso que há três qualidades essenciais. Irreverência, espírito crítico e muito bom senso!

Concorda com o direito à privacidade?

T. L. Claro. Feita assim a pergunta sou obrigada a concordar. A única dúvida é saber onde começa e acaba essa privacidade. Depende das situações.

Então é o interesse público que determina quais os limites da privacidade?

T. L. Claro... O problema é que não existem cartilhas para nos dizer onde ela começa e acaba. E, aí, voltamos, inevitavelmente para o bom senso...

Considera que os paparazzi são jornalistas?

T.L. Se nos referirmos ao seu sentido real (pessoas pagas para fazerem fotografias "escaldantes") não... O problema é que se chama paparazzis a alguns jornalistas. Por exemplo, no caso "Diana" isso foi patente. A maioria dos fotógrafos presos após o acidente eram profissionais reconhecidos, que apenas cumpriam o seu papel.

Acha que o próprio trabalho do jornalista, nomeadamente as exigências feitas a todos os níveis como prazos e convivência quase diária com casos dramáticos, contribui para que ele se torne um pouco distante?

T.L. Talvez. É capaz de ser inevitável. Acabamos por ver as desgraças numa perspectiva noticiosa. Isto é, aderimos às dos outros pelas potencialidades de uma boa notícia.

Além disso, é fundamental distanciarmo-nos dos outros. Não nos envolvemos em demasia com essas. No fundo, preservamo-nos... Também é uma forma de manter o rigor.

Pensa que o jornalista consegue conciliar a sua vida privada com a sua profissão?

T.L. A vida privada do jornalista acaba, muitas vezes, por ser o próprio jornalismo. Afinal, é-se jornalista 24 horas por dia. E não é fácil "despir" essa capa. Por isso, cada vez mais, esse conciliar com actividades externas é difícil.

Trata-se de uma profissão absorvente que nos exige muito... Mas, como tudo na vida, é uma questão de opção. E, dentro da medida dos possíveis, vai-se conciliando...

Qual a formação específica necessária para exercer a profissão de jornalista?

T.L. Para ser sócio do Sindicato de Jornalistas é necessário, regra geral, o 11º ano.

Porém, penso que a frequência universitária é fundamental, não do ponto de vista da prática da profissão, mas do "background" cultural.

MacLuhan afirmou que "O mundo é uma aldeia global". Concorda com esta afirmação?

T.L. Sim, cada vez mais vivemos numa aldeia. O que acontece nas outras partes do Mundo afecta-nos inevitavelmente. E os Mass Media fazem-nos esse elo. No fundo, contam-nos o que se passa além fronteiras...

